



Trabalhos Científicos

Título:

Autores: GABRIELA ALBUQUERQUE BATISTA DE ARAÃO (UFPB); ANA VIRGÍNIA ARAÃO BATISTA (UFPB); FERNANDA BORGES TAVARES CAVALCANTI (UFCG); MARTA LÁSCIA DE ALBUQUERQUE (FCM-CG); RAPHAELA PAIVA VIEIRA (FCM-JP); TARSYLA MEDEIROS DE ALBUQUERQUE (UFPB); DENIZE NÁBREGA PIRES (UFCG); LUCIANA CARTAXO ELOY NASCIMENTO (UFCG); MACIO AUGUSTO DE ALBUQUERQUE (UEPB); FRANCISCA NOADJA DE ANDRADE CARDOSO (FCM-CG)

Resumo: INTRODUÇÃO A mortalidade infantil é considerada um dos melhores indicadores do nível de vida e bem-estar social, assim, torna-se importante traçar o perfil de crianças que evoluíram a óbito para auxiliar a organização da assistência às crianças e suas puérperas. OBJETIVOS: Traçar variáveis relacionadas ao perfil dos óbitos registrados em uma unidade de terapia intensiva neonatal em infantil de Campina Grande - PB entre 2006 e 2011. MÉTODOS Estudo longitudinal descritivo retrospectivo para o qual foi elaborado um banco de dados a partir 2631 prontuários dos filhos, das mães e das Declarações de Óbito das crianças. RESULTADOS Nos prontuários analisados, 334 crianças evoluíram a óbito. A predominância era do sexo masculino (50,59%). Em relação à idade materna, a média foi de 21 anos, sendo 25,09% adolescentes e a maioria fez pré-natal. Em 53,59% das mães foram realizados partos normais e em 44,01% delas foi realizado parto cesariano, 2,39% dos prontuários não relatavam essa informação. As intercorrências mais relatadas foram: ITU (Infecção do Trato Urinário), rotura prematura de membranas e DHEG. Entre os falecidos, 55,08% estavam hipotermicos à admissão, 60,47% eram oriundos de outros serviços, 45,80% nasceram prematuros, 44,01% eram de baixo peso, 22,15% tinham muito baixo peso, 15,26% de extremo baixo peso. No que diz respeito ao índice de APGAR, 36,22% o apresentaram menor que 5 no 1º e 27,84% menor que 7 no 5º. A Síndrome do Desconforto Respiratório esteve presente em 34,43% dos casos, a asfixia em 15,86% e a pneumonia em 22,15%. As cardiopatias congênitas obtiveram percentual de 17,66%. A Sepsis apresentou incidência de 57,18%, (sendo 59,18% sepsis precoce, 32,46% tardia e 18,32% sepsis precoce e tardia). A morte neonatal ocorreu em 60,47% dos casos. CONCLUSÃO Em conformidade com os dados nacionais, a mortalidade neonatal precoce foi predominante e as causas mais notáveis associadas foram as infecções e a SDR, o que aponta para a necessidade de nova avaliação da atenção no período pré-natal e perinatal e dos cuidados e procedimentos realizados nas UTIs neonatal e pediátrica. A prematuridade, a hipotermia e o baixo peso contribuíram apreciavelmente ao óbito neonatal.